



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br



Bancada fica mais progressista

Com a chegada de Rodrigo Rollemberg (PSB) à bancada do DF, entra um político progressista, aliado do presidente Lula e do partido do vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB), a quem deve gratidão pelo espaço político na Secretaria de Economia Verde, Descarbonização e Bioindústria. Sai um deputado do Republicanos, mais conservador e ligado à direita. Gilvan Máximo segue o centrão. Os placares de votações da bancada do DF

geralmente terminam em seis a dois, antagonismos entre direita e esquerda. Agora, isso deve mudar. Rollemberg, com raras exceções, tende a votar com Érika Kokay (PT) e Reginaldo Veras (PV).

Crescimento político

Gilvan Máximo (Republicanos-DF) exerceu dois anos e dois meses de mandato como deputado federal, e cresceu politicamente. Ganhou



visibilidade ao relatar, em 2023, o projeto de lei que abriu caminho para o reajuste de 18% das forças de segurança do DF. Aproximou-se do centrão e tornou-se um aliado do ex-presidente da Câmara dos Deputados Arthur Lira (PP-AL). Apresentou projetos como o que prevê a redução a zero dos tributos incidentes sobre medicamentos; o que limita a 30% da remuneração mensal o valor a ser descontado em folha dos servidores públicos federais, nos empréstimos consignados, como forma de evitar que os servidores fiquem superendividados; e o que determina a disponibilização de pontos

de acesso gratuitos à internet em locais públicos de grande circulação de pessoas. É aliado do governador Ibaneis Rocha (MDB) e da vice-governadora Celina Leão (PP) e deve ocupar um espaço no governo local.

O poder das palavras

Rodrigo Rollemberg começou o dia de ontem na Igreja Nossa Senhora de Fátima, em oração pelo que viria pela frente, com o julgamento das sobras eleitorais. Ao chegar ao STF, sentiu um bom presságio: um segurança o cumprimentou: "Boa tarde, deputado". Ele riu e disse no ouvido do vigilante: "As palavras têm poder".

Superstição

Rollemberg, supersticioso como todo botafoguense, não quis conversar com ninguém sobre projetos para o mandato que deve começar agora. Só a partir da posse vai montar equipe e discutir os rumos de seu trabalho, que vai ser curto: um ano e nove meses.

Formalidade

No julgamento das sobras eleitorais, os rivais na disputa pelo mandato, Rodrigo Rollemberg e Gilvan Máximo, sentaram-se próximos no plenário do STF. Houve um cumprimento formal, mas nenhuma conversa a mais.

Josi Girardelo/Divulgação



Sucesso profissional

Além da vitória do pai, que vai ter, enfim, o mandato de deputado federal, a advogada Gabriela Rollemberg, primogênita do ex-governador, celebra um sucesso profissional, já que ela acompanhou e atuou no processo das sobras eleitorais desde o início.

Emoção

A senadora Leila do Vôlei (PDT-DF) fez um discurso contundente, com lágrimas nos olhos, sobre o aumento da violência contra as mulheres no país e os 10 anos da Lei do Feminicídio. "Vocês já me conhecem. Não me interessa se vão me julgar porque sou uma afetada, uma desequilibrada. Eu não perdi a capacidade de me emocionar e de me indignar pelo que está acontecendo com as mulheres neste país", afirmou. Ela citou, como exemplo, o caso da Vitória Regina de Sousa, adolescente encontrada morta em região de mata no município de Cajamar, na Grande São Paulo. A jovem teve os cabelos raspados, foi torturada, dopada e violentada por mais de um homem, segundo a investigação.



Escaneie o QR Code e veja o vídeo da senadora



Reprodução/Instagram

Divulgação



PEC do Fundo

No primeiro uso da tribuna no plenário do Senado deste ano, o senador Izalci (PL-DF) falou da importância da PEC 1/2025, conhecida como a PEC do Fundo, de sua autoria, que traz autonomia financeira ao DF ao garantir a manutenção da atualização anual dos repasses federais nos moldes do que é feito hoje, ou seja, de acordo com a variação da receita corrente líquida da União.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista | EDVANIA MACEDO | NEFROLOGISTA

Especialista relaciona o clima seco à maior incidência de pedras nos rins no Distrito Federal, diz que a doação de órgãos é ainda muito baixa, e que o tempo médio de espera na fila de transplante é muito longo, de um a quatro anos

Brasília lidera casos de cálculo renal

» JOSÉ ALBUQUERQUE*

O Dia Mundial do Rim e a liderança do Distrito Federal no número de cálculos renais foram temas abordados pela nefrologista, Edvania Macedo,

no programa CB.Saúde — parceria entre o Correio e a TV Brasília, de ontem. Às jornalistas Carmen Souza e Sibele Negromonte, a médica também comentou sobre a maneira silenciosa com que as doenças renais se manifestam.

Muitos brasileiros têm doenças renais sem saber, já que essas complicações costumam ser silenciosas. Que ameaça é essa?

Hoje (ontem) é o Dia Mundial do Rim, uma data importante para alertar sobre as doenças renais. A incidência tem aumentado ao longo dos anos, e a estimativa é de que até 10% da população mundial tenha doença renal crônica. No Brasil, esse percentual varia entre 7% e 10%, o que significa que pelo menos 20 milhões de brasileiros têm a doença. A maioria ainda não foi diagnosticada porque, na maior parte dos casos, a evolução é silenciosa, e as patologias que levam à doença renal costumam ser identificadas tardiamente.

A hidratação é sempre citada como um fator importante para a saúde dos rins. Qual é a quantidade ideal de água por dia? Outros líquidos também servem?

A hidratação é essencial. A quantidade ideal varia conforme o peso corporal, mas a recomendação média para um adulto de 70 quilos é de 30 a 40 ml de água por quilo, o que dá entre 2 e 2,5 litros por dia. E quando falamos de hidratação, nos referimos à água. Muitos perguntam se sucos ou cerveja substituem a água, mas a resposta é não.

A litíase renal, popularmente conhecida como cálculo renal, pode levar à insuficiência renal?

Sim. O cálculo renal de repetição pode causar inflamação crônica nos rins e, com o tempo, levar à

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



perda total da função renal. Além disso, durante as crises de cólica renal, que são extremamente dolorosas, há um uso frequente e prolongado de anti-inflamatórios. O uso abusivo também pode contribuir para a disfunção renal.

O que leva à formação dessas pedras nos rins? Há fatores genéticos e externos envolvidos?

Sim. Desde a primeira crise de cólica renal, é essencial fazer um acompanhamento médico. Algumas famílias têm alterações metabólicas que impedem os rins de produzirem substâncias que

evitam a formação de cálculos, o que causa a recorrência das pedras. Essas alterações podem ser detectadas por exames laboratoriais, como a análise da urina de 24 horas, que mede a concentração de diversas substâncias. Com base nesses exames, é possível adotar um tratamento eficaz para evitar novos cálculos.

O transplante renal é um grande desafio no Brasil. Qual é a situação no Distrito Federal?

A realidade do DF é a mesma do restante do país: há milhares de pacientes na fila do transplante, e

a doação de órgãos ainda é muito baixa. Mesmo com campanhas de conscientização, a oferta de órgãos não é suficiente. O tempo médio de espera no Brasil varia de um a quatro anos, o que é um período longo para quem precisa do transplante.

Essa é a maior fila do país, certo?

Sim. Embora exista a possibilidade de doação em vida, esse é um processo que depende de compatibilidade e, geralmente, é uma opção para casos mais urgentes. Quando há um doador vivo compatível, o transplante pode ser feito antes da necessidade de diálise, acelerando o tratamento.

É possível viver com apenas um rim?

Sim, sem limitações. O rim que permanece assume a função do outro, garantindo o funcionamento adequado do organismo. Por isso, estimulamos a doação. Os estudos mostram que o índice de complicações após a

doação é muito baixo, mesmo a longo prazo.

A doação de rim é segura?

Sim. Para ser doador, a pessoa passa por uma avaliação criteriosa. O processo é seguro e bem controlado, para garantir que tanto o doador quanto o receptor tenham o melhor resultado possível.



Acesse o QR Code e assista à entrevista completa

Brasília tem um clima seco, com períodos de estiagem intensos. Isso influencia nos problemas renais da população?

Sim, há uma maior incidência de cálculo renal em Brasília. O clima seco, o consumo insuficiente de água e os hábitos alimentares contribuem para isso. Em comparação com outras regiões do Brasil, Brasília está entre as cidades com maior número de casos. A gente é líder, essa é uma liderança nada positiva.

*Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado